

Como um romance judaico se torna um romance americano: o caso de *Herzog*

How a Jewish novel becomes an American novel: the *Herzog* case

THAIS KUPERMAN LANCMAN

Graduada em Jornalismo pela Universidade de São Paulo, Mestre em Literatura Judaica pelo Departamento de Estudos Judaicos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas Da Universidade de São Paulo, com bolsa da FAPESP.

RESUMO Este artigo busca apresentar aspectos judaicos do romance *Herzog*, de Saul Bellow, passando por referências históricas e culturais e chegando ao que seria uma maneira judaica de interpretar a realidade. Dessa forma, há um esforço em situar a obra no contexto da literatura judaica, levando em consideração as dificuldades de conceituar este subgênero, bem como em entender as características fundamentais de um romance que se tornou uma das grandes obras da literatura norte-americana no século XX, ultrapassando o que seria uma literatura de imigrante.

PALAVRAS-CHAVE literatura norte-americana; literatura judaica; Saul Bellow; *Herzog*.

ABSTRACT This article aims to present Jewish aspects of Saul Bellow's novel *Herzog*, from historical and cultural references to what would be a Jewish way of interpreting reality. Thus, there is an effort to situate the work in the realm of Jewish literature, considering the difficulties of conceptualizing such subgenre as well as understanding the fundamental characteristics of a novel that has become one of the great works of American literature in the twentieth century, surpassing what would be an immigrant literature.

KEYWORDS North American literature; Jewish literature; Saul Bellow; *Herzog*.

Introdução

O MAPEAMENTO DOS ELEMENTOS JUDAICOS NO ROMANCE *HERZOG*, DE SAUL BELLOW, como apresentado neste artigo, não se resume ao religioso, embora por vezes parta dele. Nota-se que, no romance, bem como na vida, o judaísmo também se mostra em costumes e palavras em ídiche e a identificação de Moses, protagonista do romance, com a história de seus antepassados. Há ainda, neste trabalho, a tentativa de situar uma forma judaica de ver o mundo. Em primeiro lugar, minha ideia foi explorar o que, desde um primeiro contato com o romance, parecia ser uma maneira peculiar de ver o judaísmo e trabalhar com ele na literatura. Segundo, é um exercício de reflexão a respeito do conceito de literatura judaica, o que ela é para além da conceituação simplista de uma literatura de autores judeus. Terceiro, busco iniciar uma reflexão acerca de como artistas judeus e suas obras tão arraigadas no pensamento judaico e na história, se tornaram *mainstream*, a ponto de a cultura de massa entender como tipicamente americano, ou nova-iorquino, a figura estereotipada do judeu ansioso, instável. Mesmo a sinopse de *Herzog* parece ser comum na literatura norte-americana: um intelectual frustrado profissionalmente e nos relacionamentos, rumo ao segundo divórcio, em um período de reavaliação da sua vida até então. Separado de Madeleine e pensando em lutar pela guarda de sua filha, Moses relembra seus últimos dias viajando e, conversando com amigos e parentes principalmente sobre Madeleine, lembra de sua infância pobre, e escreve cartas para conhecidos e desconhecidos, vivos e mortos.

Herzog é um romance de lugares intermediários e ambiguidades em todas as esferas da vida do protagonista, Moses Herzog. A frase que abre o romance é “se estou louco, tudo bem para mim” (BELLOW, 2011, p. 27),¹ adiantando que Moses não irá necessariamente superar as ambiguidades ou incoerências, e sim assumi-las, como de fato acontece ao longo da narrativa. A dualidade do indivíduo como origem de tensão e desconforto, como irei aprofundar mais adiante e sustentado por Keith Opdahl, é por si só um elemento ligado ao judaísmo no romance. (OPDAHL, 1967, p. 25)

Herzog e a tradição literária

A ideia de ambiguidade já aparece nos aspectos formais de *Herzog*. Partindo do *bildungsroman* alemão, discuto o romance de Bellow enquanto romance de formação, negação ou paródia do gênero. Em aspectos gerais, *Herzog* é um romance de formação, até porque, citando Wilma Maas (2000), trata-se de um gênero que permite essa larga apropriação. *Herzog* poderia ser considerado um *bildungsroman*, e o próprio Saul Bellow o entendia como tal (BELLOW, 1966), uma vez que mostra o percurso de um protagonista, um homem comum, renegando uma série de valores e buscando o aperfeiçoamento pessoal, ou pelo menos terminando o romance com um “primeiro passo” rumo a essa transformação. Porém, se olharmos com mais detalhes, existem alguns elementos de paródia e negação do romance de formação original, partindo do fato de Moses Herzog ser um homem de meia-idade, e não um jovem como costumamos ver nesses romances. Segundo Kociatkiewitz, para quem *Herzog* é um anti-*Bildungsroman* dentro de um *Bildungsroman*, “A juventude não é mais construída como o único período de mudanças, seguido por estabilidade ou declínio gradual” (KOCIATKIEWICZ, 2008, p. 3).

Vemos também que essa trajetória é ambígua: até que ponto podemos dizer, no final de *Herzog*, que Moses está transformado? O processo narrado no romance, seus dias de viagem e a volta a Ludeyville duram poucos dias e, além disso, esse processo educativo de Moses é, justamente, a negação dos valores originais da *Bildung*, e o “sair para o mundo” do romance de formação tradicional aqui é substituído pelo isolamento. Quando ele discute nas cartas com filósofos fundamentais da cultura ocidental, questiona o progresso do século XX, e quando busca uma certa transcendência ao escrever uma carta para Deus, ele está apontando para a insuficiência da *Bildung* em resolver as angústias do indivíduo e para a necessidade de se ir além.

Por falar na carta de Moses a Deus, é interessante que Keith Opdahl (1967, p. 13) defina *Herzog* como um romance de revelação, em vez de formação, dizendo que os protagonistas de Bellow buscavam sempre a transcendência religiosa. Falar em revelação é retomar um evento único, quando Deus se apresenta a Moisés, e na ideia do reconhecimento da Torá como texto sagrado. Segundo a importância que o judaísmo religioso dá à revelação, a vida judaica se organizaria em torno desse evento único, e desse texto, enquanto a *Bildung* aponta na direção contrária: “um acervo dinâmico e incandescente, de ambições inesgotáveis” (KRAUSZ, 2012, p. 33). Moses Herzog, criado na educação judaica e sob a expectativa de que se tornasse rabino, está entre os dois, a *Bildung* e o sentimento de vertigem provocado por ela, e a crença na revelação que já não se sustenta por si só. Ele deseja a transcendência mas não é exatamente como seus antepassados para se apoiar somente na religiosidade. A forma do romance, portanto, reflete um questionamento que faz parte da mentalidade confusa de seu protagonista.

Exílio e o tempo judaico

Podemos nos perguntar como alguém como Moses Herzog pode se ver perdido no mundo moderno dos Estados Unidos dos anos 1960, se ele é fruto desse mundo, um intelectual a caminho de uma carreira estável, com casamentos, filhos. O que pode ter dado errado? E justamente um aspecto importante de *Herzog* é retratar de um lado Moses, o judeu não adaptado, e do outro, a assimilação desejada e bem-sucedida:

A distinção (em *Herzog*) não é entre judeus e gentios, mas entre judeus que se adaptaram à nova cultura, tornando-se seus porta-vozes, e *Herzog*, que não se adaptou a ela, e cuja vida é uma longa sucessão de desadaptações (SHAKED, 1988, p. 308)

Essa inadequação de Moses é fundamentada em sua formação intelectual associada a algo bastante ligado à cultura judaica, que é o sentimento permanente de exílio. A ideia de exílio parte da Torá, porém ao longo dos séculos ganhou uma compreensão que vai além do religioso. Tem a ver com a marginalização e, no caso de Moses, um papel crítico diante do mundo que o cerca. Em determinado momento, o período de Moses em sua casa em Ludeyville é chamado de “exílio” (BELLOW, 2011, p. 298), e assim podemos entender que há essa ruptura com a realidade anterior, e também com tudo aquilo que representa seu tempo.

Contrapondo Moses e as pessoas com quem convive, é possível entender que, o que o leva a esse exílio, é o fato de Moses possuir, diferente dos outros, um sentimento que o coloca como um personagem que incorpora a história judaica como um todo. Parte do seu nome, a tradução inglesa para Moisés, para o antissemitismo na Europa. Essa incorporação inclui o Holocausto, do qual ele

se considera também sobrevivente:

Somos sobreviventes nesta era, de modo que teorias do progresso não nos caem bem, porque estamos intimamente familiarizados com os custos. Perceber que você é um sobrevivente é um choque. Ao se dar conta dessa condição, a gente sente vontade de cair no choro. Enquanto os mortos seguem seu caminho, a gente quer chamá-los, mas eles partem numa nuvem negra de rostos, almas. Eles flutuam na fumaça das chaminés dos fornos de extermínio, e deixam a gente na luz clara do sucesso histórico — o sucesso técnico do Ocidente. (BELLOW, 2011, p. 106)

Tudo isso faz parte da bagagem de Moses e orienta seu olhar. Moses é, ao mesmo tempo, intimamente ligado à tradição judaica do exílio e um exilado que serve de metáfora ao sentimento de inadequação do indivíduo na sociedade moderna. Essa relação é inerente à posição do intelectual:

Um intelectual é, por definição, oposto ao *mainstream*. Os “*yea-sayers*”, como ele (Said) define, são aqueles que florescem na sociedade sem um forte senso de dissonância ou divergência. Os “*naysayers*”, por sua vez, são metaforicamente condenados ao exílio, e é em oposição à massa corrente que o progresso ocorre. O intelectual enquanto outsider é melhor exemplificado, Said argumenta, pela condição de exílio, “o estado de nunca estar completamente adaptado, sempre se sentindo fora do mundo falante e familiar dos nativos [...], tendendo a evitar e até mesmo não gostar das armadilhas da acomodação e do bem-estar nacional. Exílio para o intelectual, em seu sentido metafísico é desassossego, movimento, estar constantemente em desconforto e tornando outros desconfortáveis”. (DRĂCȘINEANU, 2012, p. 3)

Historicamente, judeus se sentiram exilados idealizando a realidade imediatamente anterior. Na Europa, sonhavam com Israel, na América, passam a idealizar a Europa e a realidade do *shtetl* como um período de plenitude e inocência. Moses é a rejeição disso, sem idealizar a Europa, mas também não se sente amparado nos EUA. Ele vê que, com a Segunda Guerra e o Holocausto, aquele passado europeu foi completamente destruído, mas nos Estados Unidos tampouco existem condições ideais para se viver. É uma nova ideia de exílio, Moses fica à margem de tudo e se torna solitário, buscando um contato com a Humanidade mais espiritual e imaginativo do que prático. E vislumbrando uma realidade em que poderia ser uma espécie de Moisés moderno, guiando a sociedade para uma liberdade coerente com seu tempo, seguindo a tradição dos Herzog, segundo Moses, uma linhagem de patriarcas, com vocação para a grandeza.

Moses está fora do tempo, pois nas suas cartas ele conversa tanto com vivos quanto com mortos, como se o tempo linear não existisse. Até porque, como já dito, ele se coloca como alguém que incorpora a história judaica como se tivesse vivido por séculos. Nessa ideia de exílio, quando Moses se acalma por completo, fica sem vontade de “falar nada a ninguém, nem uma palavra” (BELLOW, 2011, p. 391), e assim o romance termina. Na cena, ele está próximo de pessoas, o senhor e senhora Tuttle, que arrumam sua casa, Ramona o visita para jantar. Mas Moses não se aproxima demais, ciente do seu desejo de “comungar com outros seres humanos” (BELLOW, 2011, p. 370) mas de uma forma que não seja o contato como conhecera até então.

Herzog também recorre à infância para reconstruir sua bagagem judaica. Os pais têm papel fundamental na personalidade de Moses. Da mãe, que vivia uma vida de nobreza na Europa e passa a lavar roupa nos Estados Unidos, ele parece ter

herdado a nostalgia melancólica, e do pai, o apego ao sofrimento como engrandecedor, capaz de ensinar algo aos homens. Moses diz, em determinado momento do romance, que está fazendo um “exercício de sofrimento” (BELLOW, 2011, p. 139). A mãe, como também será Ramona, é alguém que acredita em Moses, criou os filhos como príncipes e princesas mimados embora fosse criticada por isso. Essa criação significava a educação judaica no *cheder*, Moses chega a falar que sua mãe queria que ele fosse rabino, e também a defesa da educação em vez do trabalho precoce para ajudar as contas da família.

Nas memórias de infância, também aparece a vida judaica nas metrópoles americanas. O afastamento desse universo também corresponde a um certo exílio, no sentido de que Moses afirma que “tudo que ele sempre quis estava lá” (BELLOW, 2011, p. 176), na Napoleon Street da sua infância. Com o amadurecimento, ele se afasta de um universo que, com todos seus defeitos, a pobreza, tinham algo de que *Herzog* sente falta e gostaria de recuperar. Comparando a vida na Napoleon Street e a casa em Ludeyville, cuja compra correspondeu a “fincar o pé na América” (BELLOW, 2011, p. 357), Moses parece preferir a primeira. O judeu, segundo ele, é um ser do passado, e ele sabe que suas características essenciais estão fora de moda. Entretanto, ele sabe que não pode renegar essas características e nem parece desejar isso, apenas reconhece a identidade judaica e convive com ela, ora com orgulho, ora como um fardo.

Essa maneira de lidar com o passado é visível com a figura de Ravitch, um bêbado que vivia nas redondezas da família Herzog na infância de Moses. Ravitch era sozinho e buscava juntar dinheiro para trazer a família da Europa, embora sempre acabasse gastando tudo em bebida. Ele cantava em ídiche pelas ruas, e embora desagradasse Jonah, o

pai de Moses, ele acabava trazendo o bêbado para dormir na casa deles quando não tinha mais para onde ir. Ravitch ilustra a maneira como Moses enxerga seu legado, por vezes inconveniente, mas o qual ele não pode abandonar, ou não consegue, por razões racionais e também afetivas.

Judaísmo como forma de estar no mundo

Em *Herzog*, judaísmo nesse romance se revela pela linguagem – nas questões ligadas ao ídiche –, nas questões de aparência física, corpo, roupas, e na relação de Moses Herzog com as mulheres, amantes e familiares.

Quando Moses usa palavras em ídiche, não apenas ele valoriza uma cultura antiga, mas ele o faz como maneira de se mostrar superior a Valentine Gerbasch, que fala um ídiche incorreto, só para valorizar sua imagem na mídia:

Valentine adorava usar expressões em iídiche, usá-las errado, para ser exato. A formação iídiche de Herzog era refinada. Ele ouvia com instintiva complacência o acento plebeu, de açougueiro ou caminhoneiro, de Valentine, e se sentia rebaixado por isso – Meu Deus! Esses antigos preconceitos familiares, absurdos de um mundo perdido. (BELLOW, 2011, p. 90)

Moses, ao contrário de Gerbasch, é um conhecedor da cultura por trás dessas palavras. A figura do *mensch*, o ideal moral judaico, é questionada algumas vezes ao longo do romance. Ao colocar personagens como Valentine defendendo a figura do *mensch*, Bellow parece criticar aqueles que são cheios de moral da boca para fora, enquanto Herzog, o verdadeiro *mensch*, é mais humilde que isso.

Gerbach, aliás, ilustra bem a relação explorada por Saul Bellow entre corpo e assimilação. Ger-

basch é manco, Sandor Himmelstein, outro personagem que Moses despreza, é corcunda, e eles são uma metáfora para as deformações de um judeu assimilado. O corpo revela verdades que o discurso esconde, nesse caso, homens que afirmam estarem bem inseridos e confortáveis, na realidade são figuras deformadas. Moses, que desejava entrar para o exército, foi dispensado por causa da asma. Se pensarmos na carreira militar como uma importante forma de inserção na sociedade e definitiva aceitação entre os americanos, dado o patriotismo e orgulho das guerras de que participaram, algo do corpo de Moses, de sua saúde, impediu sua inserção. E a asma também pode ser vista como uma doença psicossomática de fundo também psicológico, ou seja, lá no fundo, Moses talvez não quisesse entrar para o exército, embora superficialmente desejasse a carreira militar.

Entretanto, Moses ao mesmo tempo que critica Valentine, elogia sua aparência, e até ironiza um certo charme na sua maneira de andar. Marcas de sofrimento, como a de Gerbasch e a de Himmelstein, inspiram Herzog, um admirador do sofrimento como seu pai o ensinara. Em diversos momentos, Moses se olha no espelho e reflete sobre si mesmo, ou ainda compra roupas modernas e questiona se elas combinam com sua personalidade e identidade: “Mas comprou um casaco escarlate com listras brancas. Então disse por sobre o ombro ao vendedor que na terra dos seus avós a família usava capas de gabardine pretas arrastando no chão” (BELLOW, 2011, p. 47).

A maneira como Moses se relaciona com mulheres também é expressão da identidade: A mãe, Daisy, a primeira esposa e Sono Oguki, a amante japonesa, cuidam dele e se sacrificam por ele. Madeleine e Ramona são um passo além na assimilação. Madeleine se sente tão confortável, chega a tentar uma conversão ao catolicismo, desafia Moses

no plano intelectual, e isso o assusta e desafia. Ramona tem um laço distante com o judaísmo, que se perdeu com o passar de gerações na sua família, mas admira Moses e sua identidade judaica. Tudo o que Madeleine despreza nele, ligado ao que ele tem de judaico, Ramona elogia e reforça, como quando ela diz: “Graças a Deus você não destruiu seu patrimônio hereditário” (BELLOW, 2011, p. 228).

O pensamento romanceado

Esse olhar estrangeiro de Moses a respeito de tudo que não ele mesmo, na verdade, coloca Moses em uma posição de permanente crítica aos Estados Unidos e ao modo de vida ocidental do século XX. Diversos autores, como Irving Howe (1964) e Richard Poirier (POIRIER, 1965) falam do fracasso do Saul Bellow em estabelecer raciocínios, ou ainda da falta de profundidade dessas ideias, mas, observando como em todos os aspectos ele enche o romance de idas e vindas – reais e metafóricas – e ambiguidades, o mesmo ocorre com a linha de raciocínio que ele tenta estabelecer. Para Philip Roth, trata-se de uma construção de um protagonista com uma “mente verdadeira” (ROTH, 2011, p.14). Embora pareçam se contradizer, a mente verdadeira a qual Roth se refere diz respeito ao retrato literário que Bellow faz do pensamento humano, registrando suas incompletudes e eventuais incoerências. Assim, seu posicionamento coincide com as críticas feitas por Poirier e Howe, que apontam que Moses Herzog não é um personagem de teses, explorando temas relevantes para a humanidade sem chegar a conclusões que possam ser úteis para o leitor. Bellow parece retratar com ironia (a qual não foi captada por Poirier e Howe) o esforço contínuo do intelectual de ser útil e fazer sentido, quando ele mesmo não encontra bases para o seu pensamento que não aquelas do passado: a histó-

ria de seus pais, de seu povo, a mistura de fatos e crença religiosa. Quando ele olha para o seu tempo, a bagagem judaica é como uma âncora que evita que ele se perca completamente, como os outros, ou ainda, citando Bonnie K. Lyons: “Como o autor judeu norte-americano mais interessado em ideias e questões culturais, Bellow frequentemente tira a temperatura e receita medicamentos para eliminar febre demasiada alta ou baixa” (LYONS, 1988, p.74).

Assim, Bellow narra a luta vã de Moses para ser relevante, em um país que rejeita os intelectuais verdadeiros, querendo ser uma espécie de Moisés moderno guiando o povo para a liberdade, de uma maneira otimista, rejeitando a crença comum de que este é um tempo condenado, e pedindo a valorização da vida humana. Esse inclusive é outro aspecto que podemos entender como judaico: Moses diz que é um conhecedor do sofrimento (por ter incorporado todos os episódios de perseguição da história judaica), e mesmo assim não acredita que tudo esteja perdido: “Convencido de que a amplitude do espaço universal não destrói o valor humano, de que o reino dos fatos e o reino dos valores não estão separados para todo o sempre! E passou pela minha mente (judaica) que vamos cuidar disso” (BELLOW, 2011, p.140). A identidade judaica de Moses, portanto, o mantém esperançoso.

Logo, outros, que entendem menos do sofrimento, não deveriam ser tão pessimistas. Nesse ponto, ele trava discussões com Nietzsche, Kierkegaard e Heidegger, seja em seus pensamentos ou em cartas rascunhadas aos filósofos. Contrário à Heidegger e sua ideia de existência em constante queda, Moses resgata o valor na vida ordinária. Questionando o filósofo a respeito da “queda no cotidiano”, ele toma medidas simples e passa a perceber o mundo exterior através dos sentidos, atinge um lugar confortável para si. Isso se refere à

ideia de Heidegger a respeito da queda (ou decadência) do *Dasein* (ser). Herzog é um defensor da vida comum – a ver pela satisfação encontrada ao realizar tarefas simples na sua casa em Ludeyville e na distância da vida intelectual –, mantendo-se afastado do universo das grandes cidades, da Academia excessivamente cerebral e desconexa ao cotidiano, e daquilo que Valentine Gerbasch representa: desejos de mídia, fama, pensamentos superficiais e facilmente comercializáveis.

Em *Dicionário Heidegger*, que elucida os conceitos do filósofo alemão, Michael Inwood explica que o termo *fallen* é utilizado por Heidegger de diferentes formas em sua obra, porém sempre no sentido de deterioração (INWOOD, 2002, p. 31). Inwood define a decadência, para Heidegger, “prejudica a capacidade do *Dasein* de fazer filosofia” (INWOOD, 2002, p. 32):

(*Dasein*) é presa de sua tradição mais ou menos explicitamente compreendida. Isto o priva de sua própria liderança, de seu questionamento e de sua escolha. Isto não se aplica menos à compreensão enraizada no próprio ser de *Dasein*, à compreensão ontológica e à sua capacidade de desenvolvê-la. (HEIDEGGER *apud* INWOOD, 2002, p. 32)

Assim, se a decadência do ser em Heidegger ocorre com a sua queda no mundo, que significa a perda da capacidade plena de escolha e, dessa forma, da individualidade em sua integridade, faz sentido que Moses, aflito com o papel do indivíduo na modernidade, se preocupe em entender como essa decadência, ou queda, se dá. Entretanto, o que Woroniecka aponta é que Herzog discorda de Heidegger ao defender a vida comum como possibilidade de recuperar a individualidade, não perda irremediável. Para Heidegger, uma vez que a existência só existe como queda, o *Dasein* só existe caindo

constantemente sem nunca ter um verdadeiro solo. É contra esse tipo de filosofia, que coloca o indivíduo em plena decadência e fora de qualquer perspectiva do real ou possibilidade de evolução, que Moses se coloca. Segundo Woroniecka,

Herzog consistentemente expressa sua rejeição da filosofia de Heidegger e afirma o valor da vida ordinária. Sempre que ele recorre à auto avaliação e debates mentais com intelectuais, as ações ordinárias são retidas. Isto é feito a fim de cumprir o outro objetivo do romance: para mostrar a comédia inerente à ambição inatingível de Herzog de chegar a uma síntese superior. Perto do final do romance, como seu impulso para definições totais murcha, Herzog começa a tomar medidas simples de novo e atinge o seu lugar de direito na sua vida. A percepção do mundo exterior através dos sentidos atua como o término de isolamento de Herzog da realidade. (WORONIECKA, 2010, p. 52)

Já em Kierkegaard, Moses busca uma compreensão para a fé. Assim Kierkegaard fala a respeito da fé:

Formulamos o estado de um eu do qual o desespero está totalmente ausente: na sua relação com ele próprio, e querendo ser ele próprio, o eu mergulha através da sua própria transparência no poder que o criou. E essa fórmula é, por sua vez, como tantas vezes o lembramos, a definição da fé. (KIERKEGAARD, 1979, p. 443)

Moses pratica esse mergulho em si mesmo. Entretanto, Kierkegaard parece ter uma visão mais nobre do sofrimento que Moses, e aí as ideias dos dois se separam: Moses está em busca de superar o sofrimento, não de glorificá-lo eternamente:

Arrisco dizer que Kierkegaard julgava que a verdade perdeu sua força para nós, e malefícios e dores horríveis devem nos ensiná-la de novo; os eternos castigos do Inferno terão que reconquistar sua vigência antes que a humanidade se torne séria novamente. Não vejo isso. (...) Mas, para chegar ao ponto crucial, a defesa e o louvor do sofrimento nos levam na direção errada, e aqueles de nós que permanecem leais à civilização não devem segui-la. A gente tem de ter o poder de se servir da dor, de se arrender, de se iluminar, a gente tem de ter a oportunidade e até mesmo o tempo para isso. (BELLOW, 2011, p.364)

É curioso que Moses escreva a Deus depois de redigir uma carta a Nietzsche, justamente quem falou sobre “matar a Deus”. Ele critica Nietzsche mencionando que um filósofo deveria ser consciente dos usos que podem fazer de suas ideias no futuro, talvez se referindo a como as ideias dele foram tomadas como nazistas, e também rejeita uma visão “cristã” da história por Nietzsche, de que o presente é sempre uma crise (BELLOW, 2011, p. 84). Nesse ponto, se repetem as críticas a Heidegger e o conceito de queda. O diálogo que Bellow estabelece, por meio das cartas de Moses aos filósofos, fortalece a ideia de um protagonista que dialoga profundamente com o pensamento ocidental, criticando-o a partir de sua bagagem e história pessoal e familiar. Dessa forma, pode-se entender que o olhar peculiar que ele produz sobre as questões contemporâneas são permanentemente marcadas por elementos de sua identidade e formação, irremediavelmente judaicas (estendendo a influência judaica em sua individualidade para além do religioso, chegando à criação do personagem na infância, suas relações sociais e dilemas enquanto minoria nos Estados Unidos).

Conclusão

Ao longo do romance, Moses escreve diversas cartas, em um exercício excessivamente cerebral e pouco frutífero, mas é a partir dele e das lembranças que invadem o pensamento de Moss enquanto ele escreve essas cartas que podemos extrair o resultado desse olhar judaico de Moses Herzog e, assim, entender o valor desse romance e sua relevância na literatura americana e na literatura judaica.

Moses não é um *outsider* que faz o que faz e diz o que diz porque é judeu, mas a interpretação que ele faz do judaísmo e como o incorpora em sua vida determinam como esse estranhamento ocorre. Assim, mesmo Moses não sendo um homem religioso, ele tem o conhecimento da religião para interpretar-la à sua forma, como a incorporação não literal de ideias de exílio e redenção, mas uma visão própria e não religiosa de sentir-se isolado como indivíduo na modernidade e buscando uma forma de transcendência para pôr fim às angústias da vida. Da mesma forma, compõem uma bagagem a qual ele não renega, e por isso o fim do romance é de assumir essa diferença e lidar com ela, portanto, como diz Woroniecka em *Towards de Antibildungsroman*, “podemos falar não sobre a formação, mas, na verdade, sobre reforma ou reeducação do protagonista” (WORONIECKA, 2010, p. 55). A relação de Moses com os outros personagens e a maneira como eles são construídos sob o ponto de vista do protagonista, o desenvolvimento do raciocínio de Moses e, enfim, as questões formais de *Herzog* têm como base a identidade judaica da maneira que é construída no romance, consistindo em uma lente judaica através da qual Moses enxerga o mundo que o cerca. Não cabe a ele lidar com a identidade judaica em si, ela é tão parte desse personagem que se debruça sobre outros assuntos. E, quando ele quer tratar de outros

assuntos, não pode fazê-lo de forma que não seja influenciado por esse judaísmo.

A ideia de lente busca compreender tanto o meio físico através do qual um indivíduo poderia observar o que o cerca, sendo algo transparente mas não impalpável, quanto a alteração ou correção em uma maneira de ver o mundo. Essa lente ilustra a profundidade da definição de *Herzog* como um romance judaico pois, ele não se limita a falar sobre o judaísmo em suas diferentes formas, ou a retratar a vida dos judeus em Nova York, fazendo retrato e crítica dos Estados Unidos sob um ponto de vista específico. Em *Herzog*, o que se vê é uma união de menções ao universo judaico com a construção de um protagonista que tem o judaísmo como referencial para sua interação com o mundo. Quando ele cita os conhecimentos de iídiche ou a intimidade com a história judaica, por exemplo, ele está mostrando ao leitor quão arraigada é essa mente judaica. O judaísmo, em *Herzog* não se resume a uma religião, como apresentado neste artigo, é um acervo de conhecimentos que partem do religioso e se consolidam em uma moral, e também é uma bagagem histórica transmitida de geração em geração, com seus traumas e aprendizados. Tudo isso ecoa em Moses e molda seu pensamento e forma de agir. Se Bellow, como aponta Philip Roth, foi, bem-sucedido em construir literariamente o pensamento deste personagem, então esta transposição do raciocínio para o texto é o maior triunfo do romance, e nele se imprime o ponto de vista particular e rico a partir do qual Moses interage com seu país e seu tempo. O sucesso de *Herzog* e sua consagração no cânone norte-americano do século XX são compreensíveis na medida que Bellow não se coloca como um autor de literatura de imigrante, restrito a esse tema, mas como um autor americano de bagagem particular, fortemente calcada na sua identidade judaica, e

essa mente expressa no romance fornece ao leitor novas perspectivas para o sentimento comum do indivíduo na modernidade, de deslocamento e falta de sintonia.

NOTA

1 As citações neste trabalho são da edição brasileira de *Herzog*, porém, para a pesquisa, a tradução foi cotejada com o original em inglês, vide referências.

REFERÊNCIAS

- BELLOW, Saul. *Saul Bellow, The Art of Fiction No. 37*, Winter 1966. Disponível em: <http://www.theparisreview.org/interviews/4405/the-art-of-fiction-no-37-saul-bellow>. Acesso em: 6 abr. 2016. Entrevista concedida a Gordon Lloyd Harper
- _____. *Herzog*. Tradução de José Geraldo Couto. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. 400 p.
- _____. *Saul Bellow: Novels 1956-1964 (Seize The Day, Henderson The Rain King, Herzog)*. New York: Library of America, 2007. 800 p.
- DRĂCȘINEANU, Cătălin. The Paradigm of Exile and Return in Saul Bellow's *Herzog*. *Buletin Stiintific*, v. 21, 2012.
- HOWE, Irving. Odysseus, Flat on His Back. *The New Republic*, 19 set. 1964. Disponível em: www.newrepublic.com/article/122715/odysseus-flat-his-back. Acesso em 25 set 2015
- INWOOD, Michael J. *Dicionário Heidegger*. Tradução de Luísa B. De Holanda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. 239 p.
- KIERKEGAARD, Søren A. *Kierkegaard*. Tradução de Carlos Griffo; Maria José Marinho; Monteiro. São Paulo: Abril Cultural, 1979. 450 p.
- KOCIATKIEWICZ, Justyna. *Towards the Antibildungsroman: Saul Bellow and the problem of the genre*. Frankfurt am Main ; New York: Peter Lang, 2008. 156 p.

KRAUSZ, Luis S. *Passagens: literatura judaico-alemã entre gueto e metrópole*. São Paulo, SP, Brasil: Edusp, 2012.

LYONS, Bonnie K. American-Jewish Fiction Since 1945. In: FRIED, Lewis *et al.* (Eds.). *Handbook of American-Jewish literature: an analytical guide to topics, themes, and sources*. New York: Greenwood Press, 1988. pp. 61-90.

MAAS, Wilma Patricia. *O cânone mínimo: o Bildungsroman na história da literatura*. São Paulo: Editora UNESP, 2000. 272 p.

OPDAHL, Keith M. *Novels of Saul Bellow an Introduction*. 1. ed. State College, Pennsylvania: Pennsylvania State University Press, 1967. 200 p.

POIRIER, Richard. Bellows to Herzog. *Partisan Review*, v. 32, n. 2, p. 264-272, Spring 1965.

ROTH, Philip. Relendo Saul Bellow. In: *Herzog*. Tradução de Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. pp.7-24.

SHAKED, G. Shadows of Identity: German-Jewish and American-Jewish Literature – A Comparative Study. In: FRIED, L. *et al.* (Eds.). *Handbook of American-Jewish literature: an analytical guide to topics, themes, and sources*. New York: Greenwood Press, 1988. pp. 391-414.

WORONIECKA, U. J. *The quotidian, childhood memory and the changing tone of comedy as the elements of Saul Bellow's humanistic vision in Herzog*. Dissertação de mestrado—Tromsø, Noruega: Universidade de Tromsø, jun. 2010. 124 p.